

# Notas sobre a relação entre marxismo e existencialismo em Sartre

Renato dos Santos Belo<sup>1</sup>

**Resumo:** Trata-se neste texto de abordar o tema da leitura sartriana do marxismo. Procura-se apresentar o lugar do existencialismo frente ao marxismo a partir de *Questões de Método*.

**Palavras-chave:** Marxismo – Existencialismo – Subjetividade – História.

A análise com alguma atenção da trajetória do pensamento de Sartre nos revela que o diálogo existente entre o existencialismo e o marxismo acompanha esse autor desde, pelo menos, a publicação de *O Ser e o Nada* até o monumental *O Idiota da Família* (um arco temporal, portanto, que, além de compreender quase a totalidade da obra sartriana, se inicia no conturbado período da Segunda Guerra). Num primeiro momento, a pena de autores como Lukács<sup>2</sup> e Marcuse<sup>3</sup> se levanta contra as teses de *O Ser e o Nada*. Este *Ensaio de Ontologia Fenomenológica*<sup>4</sup> sentencia a linha dura do pensamento marxista, não expressaria senão o núcleo mesmo do pensamento liberal ao postular uma liberdade ontológica do homem. Sartre ignoraria não apenas os fundamentos da teoria de Marx, mas a própria história, que já dava mostras suficientes de que os ideais abstratos do pensamento burguês só se efetivavam de maneira

---

1 Doutorando em Filosofia – USP. Bolsista FAPESP. E-mail: renatosb\_00@yahoo.com.br.

2 Veja-se, nesse sentido, o livro de Lukács *Existencialismo ou Marxismo?*, em que o autor defende o antagonismo entre estas duas doutrinas.

3 O texto intitulado “Existencialismo - Comentários a *O Ser e o Nada*”, escrito em 1948, e acompanhado de um Post-Scriptum, em que Marcuse reabilita, a seu modo, a filosofia de Sartre, à luz da *Crítica da Razão Dialética*.

4 Leitura da fenomenologia husserliana nada comportada já que, para o autor de *Idéias*, a fenomenologia se dirige às coisas mesmas, quer dizer, ao conhecimento mesmo, nunca podendo se confundir com uma ontologia.

excludente, revelando a inegável presença da alienação e da opressão. A metafísica de *O Ser e o Nada* seria, assim, a-histórica. A filiação de Sartre à tradição fenomenológica alemã só poderia desembocar, dessa maneira, num indisfarçável idealismo, expressão do intelectual pequeno-burguês que ele era.

Num segundo momento, é o próprio Sartre que aborda diretamente o delicado problema da relação entre o seu existencialismo, corrente inaugurada a partir de uma leitura subversiva da doutrina husserliana<sup>5</sup>, e a pujante teoria marxista, uma interpretação totalizante da história. O texto em que Sartre abordará precisamente esse tema será aquele que precede a *Crítica da Razão Dialética*, o célebre *Questões de Método*. Numa e noutra perspectiva parece prevalecer a interpretação, corroborada pela fortuna crítica de Sartre, de que apenas a brutalidade dos acontecimentos concretos revelados pela história do Ocidente – a guerra, a ocupação, a resistência – teria sido capaz de despertar Sartre de seu sono idealista e colocá-lo em sintonia com a irrecusável potência da alienação, da opressão e da exploração, cujos signos históricos haviam encarnado e transfigurado o pensamento sartriano. A tese da existência de dois Sartres, aquele de *O Ser e o Nada* e um outro da *Crítica* emerge dessa leitura. Interpretação que o próprio Sartre assentiu quando teve ocasião de avaliar seu itinerário filosófico.<sup>6</sup> Pois bem, se as teses de *O Ser e o Nada* permaneciam presas à maneira idealista como uma certa tradição filosófica se encarregou de pensar a liberdade, de maneira que a metafísica ali presente não inovaria na abordagem da ordem do existente, se foi preciso esperar a força das coisas, para usar a expressão de Simone de Beauvoir, e a publicação da *Crítica* para que a história invadisse o pensamento de Sartre, já que dela ele estava até

5 Sartre acertará o rumo da filosofia de Husserl em *O Ser e o Nada*, obra na qual ele pensa corrigir o fenomenólogo alemão. No entanto, já podemos notar nos primeiros textos de Sartre, aqueles anteriores à obra de 1943, seu distanciamento em relação a Husserl. Pensando ser fiel ao verdadeiro sentido da fenomenologia, cuja noção de intencionalidade será decisiva no projeto do filósofo francês, Sartre condena a nova orientação de Husserl com a publicação de *Idéias*. Aquela noção primeira de intencionalidade presente em *As Investigações Lógicas*, garante Sartre, em que a presença de um Eu transcendental era desnecessária e em que a própria consciência se unificava por si mesma no tempo, marca a grande conquista trazida pela fenomenologia, cujos avanços, pensa Sartre, seriam capazes de revolucionar não só a psicologia, mas também a própria filosofia.

6 Cf. a entrevista que Sartre concede, em 1971, à *New Left Review*.

então desprovido, na opinião quase unânime a esse respeito<sup>7</sup> – se fosse assim, o tão alardeado encontro de Sartre com o marxismo e a história deveria se apresentar pela recusa das teses presentes em *O Ser e o Nada*, o que não se verifica pelo exame do pequeno texto, *Questões de Método*, que precede a *Crítica da Razão Dialética*.

Quando Sartre, em *Questões de Método*, explicita a posição do existencialismo em relação ao marxismo é para definir este último como a filosofia reinante de nossa época, frente à qual o existencialismo só poderia figurar como uma ideologia, que vive às margens da filosofia insuperável de nosso tempo e dela é dependente. Esse elogio que o marxismo recebe no texto que precede a *Crítica da Razão Dialética* vem seguido de uma série de considerandos, que fazem o leitor duvidar de uma mera adesão de Sartre ao marxismo. A própria leitura do marxismo daquele tempo esmiuçada por Sartre ali causa, no mínimo, um desconforto na ortodoxia marxista. Compreendamos.

O marxismo é a filosofia insuperável de nosso tempo porque ele é a “totalização do saber contemporâneo”, ele é propriamente uma filosofia porque “se constitui para dar expressão ao movimento geral da sociedade”. Esses momentos de criação filosófica são raros. Sartre localiza, entre os séculos XVII e XX, três épocas de efetiva criação filosófica. Houve o momento de Descartes e de Locke, seguiu-se a este a época de Kant e Hegel, e, finalmente, o momento de Marx. No cartesianismo, a filosofia permanece negativa, ele se encarrega de demolir a antiga ordem e apresenta uma imagem do homem e da razão compatível com aquela pretendida pela classe que começa a ascender ao poder. Esse novo homem burguês encontrará no cartesianismo e posteriormente no kantismo os instrumentos de formação da sua imagem, de maneira que a destituição que a revolução francesa operará dos privilégios do antigo regime será precedida por essa operação abstrata da razão. Isto quer dizer que os privilégios de nascimento tornados abomináveis a partir da revolução burguesa já haviam sido antes dissolvidos pela razão analítica, da mesma maneira que o lugar da fé e da religião já haviam sido deslocados por esse pensamento dominante.

7 Bastante significativa a esse respeito é a posição de um importante comentador de Sartre, Gerd Bornheim.

Com o marxismo, a classe burguesa é posta pela primeira vez na posição de defesa. O movimento revolucionário, que parecia não cessar, é imediatamente freado logo que os interesses em comum que motivaram as mudanças dêem lugar à acomodação de uma nova classe. E é do outro da burguesia, do avesso do capital que o marxismo terá de se reportar, já que o movimento geral da sociedade, assim que a acomodação histórica da burguesia se deu, será responsabilidade da classe engendrada pela própria burguesia, esta agora guardiã dos novos privilégios florescidos com ela. Mas se o marxismo é a nova filosofia totalizadora do saber contemporâneo, por que denominar o existencialismo pelo incômodo termo ideologia? Mais que isso, o existencialismo, assim como outras ideologias, não deveria ser absorvido pela filosofia reinante?

“Não convém, dirá Sartre, dar o nome de filósofos aos homens de cultura que surgem após as épocas de grande florescimento e que têm como objetivo colocar em ordem os sistemas ou conquistar, com métodos novos, terras ainda mal conhecidas, aqueles que dão funções práticas à teoria e dela se servem como de uma ferramenta para destruir e construir: eles exploram o domínio, fazem-lhe o inventário, nele constroem alguns prédios, ocorrem-lhes inclusive de introduzirem neles algumas mudanças internas; mas ainda se alimentam do pensamento vivo dos mortos importantes.”<sup>8</sup> Como sistema parasitário que vive à margem do marxismo, cabe apenas chamar o existencialismo de ideologia. Mas essa ideologia não pode ser absorvida pelo marxismo, já que ela exerce a função de enriquecê-lo por meio de um sem-número de pesquisas empíricas e concretas que foram momentaneamente esquecidas pelo marxismo. Assim como Kierkegaard afirmava contra Hegel a insuperável opacidade da experiência vivida, o existencialismo afirma frente ao marxismo a irredutibilidade do subjetivo, a impossibilidade de assimilação do concreto pelo absoluto. É claro que Kierkegaard, na avaliação de Sartre, podia simplesmente figurar como um momento no sistema hegeliano, para o qual o trágico de uma vida é sempre superado, o vivido se esvai no saber. Na avaliação sartriana, as oposições

8 SARTRE, *Questões de Método*, p. 22.

entre Kierkegaard e Hegel só são superadas em Marx, quando se afirma a especificidade da existência humana, assim como o homem concreto em sua realidade objetiva. Ocorre, no entanto, que se esse elogio pode ser dirigido a Marx, cujas análises de situação<sup>9</sup> equilibram as determinações gerais e o particular, o mesmo não se pode dizer do marxismo. Este, “depois de nos ter atraído para si, como a lua atrai as marés, depois de ter transformado todas as nossas idéias, depois de ter liquidado em nós as categorias do pensamento burguês, o marxismo, bruscamente, deixava-nos na mão; não satisfazia a nossa necessidade de compreender; no terreno particular em que estávamos, ele não tinha nada de novo para ensinar-nos porque tinha ficado parado.”<sup>10</sup> Donde a necessidade que impõe a presença do existencialismo e faz com que essa ideologia não desapareça: o marxismo caducou, separou teoria e prática e decretou a esclerose da teoria.

Sartre pretende afirmar frente ao marxismo a realidade dos homens, a irredutibilidade do homem concreto. A filosofia marxista, pensará Sartre, mesmo sendo o saber no qual estamos todos imersos, se vê impossibilitada de compreender uma subjetividade concreta. Sobre Valéry poderá afirmar apenas tratar-se de um escritor pequeno burguês, sem jamais atentar que nem todo escritor pequeno burguês é Valéry. Esse esquecimento da subjetividade está presente já no próprio Engels, como se pode observar numa carta que ele endereça a Hans Starkenburg: “Que tal homem, e precisamente aquele, ganhe destaque em tal época e em determinado país, é naturalmente um puro acaso. Mas na falta de Napoleão, um outro teria ocupado o seu lugar... Assim acontece com todos os acasos ou com tudo que parece acaso na história.”<sup>11</sup>

Essa análise de Engels marca bem o que Sartre quer indicar quando se refere ao esquecimento da subjetividade pelo marxismo. O curioso é que esse tipo de compreensão da subjetividade humana nem ao menos pode ser atribuído a um diagnóstico de época. O próprio Napoleão, que tomamos a liberdade de citar aqui, possuía uma visão ao menos mais alargada acerca de seu próprio significado histórico.

9 Em textos como *O Dezoito Brumário* e *A Guerra Civil em França*.

10 SARTRE, *Questões de Método*, pp. 30 e 31.

11 Carta de Engels para Hans Starkenburg, enviada a 25 de janeiro de 1894.

Na minha carreira encontrar-se-ão erros, sem dúvida; mas Arcole, Rivoli, as Pirâmides, Morengo, Austerlitz, Iena, Friedland todas batalhas são de granito; o dente da inveja não pode contra elas (...) Eu aterrei o abismo anárquico e pus ordem no caos. Eu limpei a Revolução (...) E depois sobre que poderiam atacar-me de que um historiador não pudesse defender-me? (...) Enfim, seria a minha ambição? Ah, sem dúvida ele encontrá-la-á em mim — e muita; mas a maior e mais alta que jamais tenha existido: a de estabelecer, de consagrar o império da razão e o pleno exercício, o inteiro gozo de todas as faculdades humanas (...) Em outras palavras, eis, pois, toda a minha história (...) Milhares de séculos decorrerão antes que as circunstâncias acumuladas sobre a minha cabeça possam encontrar um outro na multidão para reproduzir o mesmo espetáculo.<sup>12</sup>

A leitura que Sartre faz do marxismo não pode prescindir do reconhecimento da subjetividade como força ativa e é por isso que o existencialismo, assim como fazia Kierkegaard frente a Hegel, não aceita se calar diante da filosofia reinante e totalizante, que é o marxismo. “Kierkegaard tem razão contra Hegel, tanto quanto Hegel tem razão contra Kierkegaard”. Com essa tese lapidar, Sartre, em *Questões de Método*, enfatiza a preocupação do filósofo alemão em valorizar, por via do conceito, o concreto verdadeiro, assim como não abre mão de celebrar a ênfase do ideólogo dinamarquês em não reduzir um certo real ao pensamento, em não reduzir a subjetividade ao império do Saber. “O materialismo histórico”, continua Sartre contra Lukács, “é a única forma de interpretação válida da história”, e o “existencialismo”, afirma Sartre em 1960, “permanecia a única abordagem concreta da realidade”. E o direito de cidadania do existencialismo permanece porque a situação de alienação, acredita Sartre, não é suficiente para suplantar a subjetividade. E isso ocorre porque se ao fazerem a História os homens são por ela condicionados, essa determinação não é suficiente para reduzir o sujeito

12 Citado por Gustavo Freitas em *900 textos e documentos de história*.

dessa oração a mero sujeito gramatical. O homem vive sempre o universal como particular. “O acaso não existe ou, pelo menos, não da maneira como se imagina: a criança torna-se essa ou aquela porque vive o universal como particular.”<sup>13</sup> E é essa verdade, garante Sartre, que faz com que a subjetividade ou a liberdade seja sempre a elaboração particular de circunstâncias gerais, que só ganham sentido depois de efetivamente encarnadas.

Ao definir a liberdade como um paradoxo<sup>14</sup> nas páginas de *O Ser e o Nada*, Sartre salientava que a exterioridade da situação só é possível se nos colocarmos imediatamente no ponto de vista do universal, bem como a irrelevância das determinações históricas só é possível se negarmos que é sempre frente ao dado que a liberdade precisa subjetivamente se efetivar. Numa palavra, não é a ausência de determinações que nos garante a liberdade, mas sim a impossibilidade dessa liberdade recusar a elaboração do dado. E isso é tanto mais verdadeiro quanto “é verdade que o indivíduo é condicionado pelo meio social e volta-se sobre ele para condicioná-lo; é isso mesmo – e nada mais – que faz sua realidade.”<sup>15</sup> Devemos, assim, ao menos pôr em suspensão certa leitura corrente de *O Ser e o Nada* que vê naquela definição de liberdade apresentada naquele ensaio a negação da história e a filiação de Sartre a um idealismo de tipo burguês. Esse diagnóstico de época deu, por assim dizer, o tom das leituras correntes da obra sartriana. Ontologia fenomenológica não poderia figurar, assim, senão como um atestado de filiação de Sartre a uma concepção abstrata de liberdade, censurável, portanto, frente à situação tenebrosa que a História humana havia, naquele momento, forjado. O chamado “encontro” de Sartre com o marxismo só poderia apontar, dessa maneira, para a confissão de que uma investigação fenomenológica é incompatível com a presença da história.

A ontologia da consciência em Sartre é o cenário prévio para que o tema sartriano da liberdade possa ser adequadamente compreendido, assim como aquele da subjetividade, que transfigura incessantemente o

13 SARTRE, *Questões de Método*, p. 56.

14 “Assim, começamos a entrever o paradoxo da liberdade: não há liberdade a não ser em situação, e não há situação a não ser pela liberdade.” (SARTRE – *O Ser e o Nada*, p. 602).

15 SARTRE, *Questão de Método*, pp. 63 e 64.

dado. Uma consciência esvaziada de qualquer conteúdo, mesmo que a título de representação, é a condição prévia, como já apontava o pequeno *Ensaio sobre a Transcendência do Ego*, para que a noção propriamente fenomenológica de intencionalidade seja legítima. Consciência como vazio e negatividade, quer dizer, como poder de negação do dado – na acepção de que o sentido do ser é apenas por ela elaborado – mas também como poder de negação de si como projeto de fixação no ser. Negação da exterioridade e negação de si convergem aqui para a elaboração de uma concepção de liberdade que, longe de ser uma liberdade de vontade, é auto-determinar-se a querer, é autonomia de escolha. Trata-se de evidenciar justamente essa relação intrínseca entre liberdade e situação, a subjetividade e as determinações históricas. A liberdade dá o sentido da situação, assim como a situação condiciona a liberdade. É justamente essa relação paradoxal que permite a Sartre introduzir a história na própria maneira como as subjetividades efetivamente se forjam.

A prova paradigmática dessa elaboração sempre subjetiva do vivido é a ênfase que Sartre dá aos trabalhos de cujo ofício tradicionalmente se ocupa o psicólogo, como ele o fará nos textos anteriores a *O Ser e o Nada*. Em primeiro lugar, o momento de revisão da ciência do psíquico com vistas a uma adequação da psicologia a uma elucidação de natureza antropológica. Tratou-se de conciliar psicologia e fenomenologia. Propor uma psicanálise existencial significa, também, apostar na irreduzibilidade da subjetividade, já que é só concretamente que podemos compreender um homem em luta com as solicitações do mundo. Essa aventura singular é exemplarmente mostrada nas interpretações sartrianas de biografias concretas: Baudelaire, Genet, Flaubert.

Em Jean Genet, tratava-se precisamente de evidenciar a liberdade como um irreduzível, uma condenação da qual não podemos nos livrar, como sentença *O Ser e o Nada*. Sendo assim, ela precisa se revelar mesmo ali onde parecia ter alcançado seu grau zero, como é o caso de Genet. Justamente esta obra de Sartre é confeccionada como meio de superação tanto da psicanálise quanto do marxismo. Segundo Sartre, é preciso abordar uma biografia concreta porque a psicanálise tradicional e o marxismo encontram exatamente aí o seu limite. O existencialismo

pretende resgatar, assim, o diálogo entre as determinações gerais da história que, sem qualquer dúvida, condicionam o homem, e as aventuras de uma liberdade que não pode senão transfigurar esse dado. É certo que o peso da situação e o da liberdade na filosofia sartriana sofrerá modificações de ênfase, mas qualquer delas jamais se configurará como serve da outra.

Esta maneira de ver o problema da subjetividade faz com que Sartre reelabore o próprio marxismo, mesmo quando lhe oferece, como cabe a seu papel de ideólogo, apenas uma contribuição lateral, marginal. O todo da compreensão da história e dos homens já está ali, no seio dessa filosofia “insuperável de nossa época”, garante Sartre. Na esclerose do marxismo teria, assim, seu antídoto neste protesto incansável que lhe dirige o existencialismo. Uma outra maneira de reavivar a oposição que antes de Marx colocava de lados antagônicos, entretanto não excludentes em absoluto, Kierkegaard e Hegel. Resta saber o que a posteridade histórica reservou a este debate tão interessante entre os marxistas e Sartre. Mas isso já é uma outra história.

### Notes about the relations between marxism and existentialism in Sartre

**Abstract:** This article shows the marxism from Sartre's view. The text *Search for a Method* approaches the place of the existentialism in the marxist theory, this book will be our fundamental reference.

**Key-words:** Marxism – Existentialism – Subjectivity – History.

### Bibliografia

- BORNHEIM, G. *Sartre: Metafísica e Existencialismo*. São Paulo: Perspectiva, 2001.
- ENGELS, F. Carta de Engels para Hans Starkenburg, enviada a 25 de janeiro de 1894.

FREITAS, Gustavo. *900 Textos e Documentos de História*. Lisboa: Plátano, 1975, 2 v.

LUKÁCS, G. *Existencialismo ou Marxismo?* São Paulo: Livraria Editora Ciências Humanas, 1979.

MARCUSE, H. "O Existencialismo". In: *Cultura e Sociedade*, v. 2. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998.

SARTRE, J.-P. *A Transcendência do Ego*. Lisboa: Colibri, 1994.

\_\_\_\_\_. *O Ser e o Nada*. Petrópolis: Vozes, 2000.

\_\_\_\_\_. "Questões de Método". In: *Crítica da Razão Dialética*. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.